

CMP 2.1. 7. 147-1

TEMPO EM SÃO PAULO

Bom, névoa úmida pela manhã, nebulosidade variável no período. Temperatura em ligeira elevação. Página 50

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891 - 1927) — JULIO DE MESQUITA FILHO (1927 - 1969) — FRANCISCO MESQUITA (1927 - 1969)

Capital e Interior de São Paulo Cr\$ 5,00

ANO 99

DOMINGO, 27 DE AGOSTO DE 1978

Nº 31.733

Domingo: Cr\$ 8,00. Assinatura Cr\$ 960,00

Escolhido novo papa: João Paulo I

As metas e leais dos ndidatos

rem lançados candidatos à
da República, os generais
ta Figueiredo, da Arena, e
Monteiro, do MDB, eram
hecidos do povo brasilei-
istas que têm concedido
s que fazem nos mais
do País, contudo, am-
samento diferente so-
mentais como a anis-
política. Euler pro-
gar toda a legisla-
primeiro minuto de
eiredo acha que
stará revogada,
a reforma polí-

Páginas 6 e 7

ela

a

dos cen-
tas, ro-
poesia
olado
anto
Lev
dio
de
7-



Radiofoto UPI

Albino Luciani, patriarca de Veneza, foi eleito no mais curto conclave da história da Igreja Católica

João Paulo I não admite volta ao passado

tar aqueles que foram repeli-
da aprenderam nes-
o Brasil já é
le que

mas melhor que a que tivemos
ontem e que nos abre alvoradas
para o dia de amanhã".

"A Revolução continua",
observou, para ressaltar em se-
que as "Forças Armadas
em torno de seu
torno dos
inci-

ROMA — No mais curto conclave da história da Igreja — 24 horas — foi eleito ontem o 263º papa católico, Albino Luciani, patriarca de Veneza, que exercerá seu pontificado com o nome de João Paulo I, numa escolha que está sendo interpretada como "adesão à linha estabelecida por João XXIII e seguida por Paulo VI".

Contrariando as opiniões segundo as quais o papa seria um dos "três B" — Sebastiano Baggio, Paolo Bertoli ou Giovanni Benelli — ou um dos "três P" — Sergio Pignedoli, Salvatore Pappalardo ou o argentino Eduardo Pironi —, Luciani, cujo nome era, até ontem, desconhecido para a maioria dos católicos e até para alguns membros da Igreja, teve sua escolha decidida já nos primeiros escrutínios, num dia marcado por enorme confusão, em vista das interpretações desencontradas dos sinais de fumaça que saíam da chaminé da Capela Sistina. Depois de cinco fumaradas em menos de meia

hora, e diante da última, inequivocamente branca, o povo que enchia a praça de São Pedro e suas proximidades aplaudiu longamente o cardeal Pericle Felici, quando este anunciou, segundo a fórmula tradicional, "Habemus papam".

Logo depois, João Paulo I chegava à janela, de onde deu a bênção *Urbi et Orbi* e recebeu as homenagens do povo e da Guarda Suíça. Tudo ocorreu tão depressa que as representações das Forças Armadas, que deveriam também estar presentes, não chegaram a tempo.

O diretor da Sala de Imprensa do Vaticano, padre Romeo Panciroli, declarou que a eleição de Albino Luciani foi "plebiscitária" — o que já estava evidente dada a rapidez da eleição. O *Osservatore Romano* saiu em edição extraordinária. O mesmo fizeram *Il Tempo* e *Paese Sera*, chamando João Paulo I de "pai dos humildes" e definindo o novo papa como "representante da facção moderada do conclave".

O teólogo de Veneza

Ordenado sacerdote a 7 de julho de 1935, Albino Luciani, filho de operários, nascido a 17 de outubro de 1912 em uma pequena aldeia da província de Belluno, foi um dos primeiros bispos do pontificado de João XXIII, tendo recebido das mãos do papa a consagração como bispo de Vittorio Veneto, em São Pedro. Participou do Concílio Vaticano II e foi um dos principais difusores da encíclica *Humanae Vitae*. Em dezembro de 1969, sucedeu ao cardeal Urbani na sede patriarcal de Veneza.

Apesar de aberto a inova-

ções litúrgicas e pesquisas bíblicas, mantém posições rígidas em problemas mais polêmicos, como o divórcio e o "sacro pluralismo" ("um pluralismo não respeita os valores tradicionais"), tendo sempre mostrado muito equilíbrio ao analisar temas como feminismo, violência ou marxismo.

Como o outro patriarca de Veneza que foi papa, Giuseppe Sarto (Pio X), Alberto Luciani nunca desenvolveu atividades diplomáticas, sendo muito mais um teólogo do que um político.

Albino Luciani é o sucessor de Paulo VI



As 19h30 de ontem os sinos da Basílica de San Marco, em Veneza, soavam anunciando a eleição de seu patriarca como o 263º papa da História. Grande número de venezianos e de turistas estava reunido na praça, diante do palácio do patriarca, com a bandeira italiana e a papal no balcão, ao mesmo tempo que, em Roma, a multidão que enchia a praça de São Pedro e as ruas vizinhas vivia um dia marcado por insólitas confusões, em relação à cor da fumaça que anunciaria ao mundo que seus 700 milhões de católicos já têm um novo guia.

Cinco fumaçadas de cor incerta, repetindo-se no espaço de meia hora, deram origem a interpretações controversas, até que, depois do quinto sinal, considerado branco pela maioria, e ao abrir-se a janela da loggia central do Vaticano, a multidão passou a aplaudir demoradamente, enquanto o cardeal Pericle Felici anunciava oficialmente, com a fórmula consagrada, a escolha de Albino Luciani, no mais curto conclave da história da Igreja.

De Veneza, pela terceira vez

ROCCO MORABITO
Nosso correspondente

ROMA — "Habemus papam". E o novo papa é Albino Luciani, nascido a 17 de outubro de 1912 em Forno di Canale, ao Norte de Veneza. É a terceira vez neste século que um patriarca de Veneza, e escolhido sucessor de Pedro, e esse foi o conclave mais curto dos últimos séculos: menos de 24 horas, quando o mais breve, até agora, tinha sido o que elegeu Pio XII, e que durou 36 horas. Luciani adotou o nome de João Paulo I, numa escolha plena de significado: continuar a obra de seus dois antecessores.

Depois da fumaça negra da manhã de ontem, uma enorme multidão começou a se reunir na praça de São Pedro. As 18 e 24, nova fumaçada: parecia negra. Algumas pessoas começavam já a ir-se embora, quando a fumaça clareou. Fumaça branca. A desorientação aumentou, havia quem achasse que a fumaça ainda estava preta demais, as discussões aumentavam. De súbito, um operador da televisão percebeu que uma das janelas da loggia central da basílica se abria. As dezenas de milhares de pessoas que enchiam a praça começaram a aplaudir, exclamando "O papa está eleito!" — e logo em seguida o cardeal-diácono Pericle Felici confirmava: "Annuntio vobis gaudium magnum"... e, depois de um momento em que todos prenderam o fôlego, o nome: "Albino Luciani qui sibi imposuit nomen Johannis Pauli Primi".

Novos aplausos, enquanto João Paulo I aproximava-se da janela, respondendo com amplos gestos às aclamações. Depois de acenar várias vezes, o papa pronuncia a fórmula da bênção apostólica, que concede indulgência plenária. Na praça de São Pedro, a Guarda Suíça presta-lhe as primeiras honras. Deve-

riam estar presentes representações das Forças Armadas italianas, como de tradição, mas tudo aconteceu tão depressa que as autoridades foram tomadas de surpresa. Só mais tarde chegaram os carabinieri, a marinha, a guarda financeira e a polícia, fazendo com que o papa assumisse à janela novamente. Depois, João Paulo I voltou à Capela Sistina, onde deu disposições para que amanhã sejam destrancadas as portas do conclave. Antes de saudar o povo, o papa recebeu o tradicional ato de obediência dos cardeais, um a um, ainda na Capela Sistina.

Até ontem de manhã, todos os jornais romanos falavam de um conclave longo e difícil, de resultados incertos, refletindo as incertezas da Igreja. Com a fulminante eleição do patriarca de Veneza, os 111 eleitores demonstraram que, apesar da variada composição do Sacro Colégio, a Igreja não tem incertezas, dúvidas ou fraquezas, mostrando-se unida como jamais, diante dos momentos difíceis que certamente a aguardam.

REAÇÃO
Pensava-se inicialmente que sua escolha recaísse sobre o cardeal de Bolonha, Antonio Poma, ou o de Palermo, Salvatore Pappalardo, não só pelo desejo unânime de que o papa fosse um pastor, mas devido à campanha jornalística que apresentava Albino Luciani como candidato dos meios mais tradicionais e conservadores da Cúria. Alguns jornais de ontem chegavam a falar em uma reunião que teria se realizado nos jardins do Vaticano, nesses últimos dias, entre alguns cardeais da Cúria e o patriarca de Veneza.

Seria contudo de extremo mau gosto dar conotações políticas a um evento dessa magnitude e importância — não só para a Igreja Católica como para os homens de todas as crenças, que frequentemente encaram o papa como uma grande força

moral. Mas política é uma coisa, e objetividade é outra — e a objetividade nos obriga a referir as circunstâncias em que se deu a escolha de João Paulo I.

Primeira: os ambientes mais abertamente ligados aos grupos considerados "inovadores" já "passaram recibo" pelo golpe recebido, mostrando, em meio ao júbilo geral, despeito pela escolha, como se num dia fascinante até para quem não cre houvesse espaço para ressentimentos pessoais ou para cálculos políticos. Na Igreja não existem "inovadores" ou "conservadores", quando se trata de decisões históricas, e de responder adequadamente às exigências da humanidade — e certamente foi isso que os cardeais pretendiam mostrar com a solicitude com que conduziram sua escolha, carregada de responsabilidades diante de Deus e de suas próprias consciências. O colégio eleitoral quis provar que é possível o pluralismo de idéias e de interpretações de certos problemas de nosso tempo, embora, para resolvê-los do melhor modo, seja aconselhável dar ao mundo uma prova de concórdia. Essa a grande lição desse conclave.

Segunda circunstância: há uns dez dias, o Serviço de Imprensa do Vaticano divulgou uma biografia do cardeal Albino Luciani em que se fazia dele como originário de uma família de operários, e que seu pai era socialista. O jornal do PCI, L'Unità, protestou, vindo nisso o que chamou de "baixa manobra da Cúria" para apresentar o patriarca de Veneza (erroneamente considerado como ligado a uma presumível "direita") de balta das vestes de amigo dos operários. A crítica, por mais descabida que seja, mostra a atmosfera da fase pré-conclave.

Os cardeais passaram a noite ainda trancados, e as portas do recinto do conclave só serão abertas hoje.



Radiefoto UPI

Aos 65 anos de idade, dom Albino Luciani é o novo chefe da Igreja

A decisão foi a mais rápida

Frustrando todas as previsões que indicavam Sebastiano Baggio, Giovanni Benelli, Paolo Bertoli, Antonio Poma, Salvatore Pappalardo ou Eduardo Pironio como os mais cotados para a sucessão de Paulo VI, o novo papa é Antonio Luciani, 65 anos, patriarca de Veneza. Luciani, que escolheu o nome de João Paulo I, foi eleito no mais curto conclave da história da Igreja, sendo o único papa a ser escolhido já no primeiro dia de votação. Apesar da surpresa, considera-se em geral que ele preenche a função de "aglutinador" de tendências que estava sendo considerada condição fundamental para a escolha. Antes dele, os papas escolhidos mais rapidamente foram João XXIII — sua eleição durou três dias e ele foi escolhido no 11º escrutínio — e Paulo VI, eleito já no segundo dia. Também Pio IX e Pio XII foram escolhidos no segundo dia de conclave.

A eleição mais longa durou dois anos, nove meses e dois dias, e o escolhido foi Teobaldo Visconti, que tomou o nome de Gregório X, em 1268. Depois da morte de Clemente IV, em 1268, os 17 cardeais encarregados da eleição do novo papa reuniram-se durante meses, sem resultados. No começo de 1271, a população de Viterbo, impaciente com o longo período de sede vacante e seguindo os conselhos de São Boaventura, ministro-geral dos franciscanos, trancou os cardeais no palácio episcopal, mantendo-os a pão e água. Também o telhado do palácio foi arrancado, deixando os cardeais expostos ao sol e à chuva. Quando dois catram doentes, de fome e de frio, os outros decidiram apressar o processo de escolha. Para impedir a repetição desses fatos, o próprio Gregório X promulgou a constituição Ubi periculum, tornando obrigatória a eleição do papa em conclave, estabelecendo a clausura, proibindo a comunicação com o exterior sob pena de excomunhão, permitindo a presença de um secretário para cada cardeal (os conclavistas, agora eliminados), e estabelecendo ainda uma medida extrema, destinada a apressar a escolha: caso o papa não fosse eleito nos três primeiros dias, os cardeais receberiam, nos cinco dias seguintes, apenas um prato de comida por dia. Depois disso, até a eleição, a alimentação passaria a ser apenas pão, água, e um copo de vinho por dia.

Em função desse regulamento, a eleição do papa João XXII (1316-1334) foi uma das mais tumultuadas da história: o conclave, realizado em Carpentras, França, durou dois anos e quatro meses. Irritado com o confinamento, um dos cardeais pôs fogo no prédio, e os conclavistas tiveram de escapar pela estreita janela por onde lhes era fornecida a alimentação.

Em 1975, quando era arcebispo, fez uma visita ao Brasil

Das excursões e dos correspondentes

Dom Ivo Lorscheider, secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e arcebispo de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, recordou ontem, em Belo Horizonte, que o novo papa João Paulo I visitou aquela arquidiocese em 1975, para presidir as cerimônias religiosas comemorativas do centenário da imigração italiana para aquele Estado. Recordou também que, naquela ocasião, muitas pessoas em Santa Maria previram a possibilidade de dom Albino Luciani tornar-se papa. O presente oferecido pelo visitante à arquidiocese foi uma réplica da Madona della Salute.

Surpreso pela rapidez do conclave e por a escolha ter recaído sobre um cardeal seu amigo, dom Ivo definiu assim a figura do novo papa: "É um homem pastoralmente aberto e carregado de experiência pastoral". "Aceitaria, com muita alegria, qualquer papa" — prosseguiu dom Ivo, acrescentando que João Paulo I "é um homem de Deus, de muita sensibilidade e que, ao adotar o nome de João Paulo I, quis significar que ele vai somar e continuar o trabalho realizado pelos papas João XXIII e Paulo VI, indicando, de forma clara, que deseja viver e fazer viver o espírito do Concílio Vaticano II". Quanto à possibilidade de

presença do novo papa na cerimônia de abertura da Conferência Episcopal Latino Americana, em Puebla, no México, dom Ivo disse: "Muitos pensavam que isso não poderia acontecer com Paulo VI, em razão de seu estado de saúde. Agora temos uma perspectiva de comparecimento, embora admita ser muito difícil a um novo papa ausentar-se logo após sua coroação. Há um grande desejo de sua presença e haveria boas razões para justificá-la".

ESPERANÇA

O bispo dom Mauro Morelli, que responde pela arquidiocese de São Paulo na ausência do cardeal Paulo Evaristo Arns, disse que a Igreja de São Paulo recebe

com imensa alegria e cheia de esperança "este dom de Deus, o novo papa". Depois de assinalar que a escolha foi providencial, o bispo ressaltou que ela recaiu sobre um filho de operário "num mundo marcado pelo próprio trabalho, pelas frustrações e também pelas esperanças".

Para dom Mauro, o fato de a escolha ter sido extremamente rápida "demonstra que Deus não tem tempo e que os cardeais ouviram antes o espírito de Deus que os palpites do mundo e a sabedoria de tantos". Referindo-se à possibilidade de o novo papa comparecer à reunião de Puebla, dom Mauro disse que a América Latina tem uma grande esperança de que o primeiro gesto de João Paulo I seja vir

abraçar o povo latino-americano. Concluindo, dom Mauro disse acreditar que dom Paulo foi um dos que votaram no novo papa, "pois vejo em dom Paulo essa dupla dimensão que existe também no papa, firmeza do anúncio do Evangelho, aliada a um diálogo muito grande para abrir os caminhos".

LINHA

"Não o conheço pessoalmente, mas deve ser um grande arcebispo, pela posição que ocupa." Esta foi a opinião do arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, dom João de Resende Costa, sobre a escolha do patriarca de Veneza, dom Albino Luciani, como novo papa. Segundo dom João, o papa João

Paulo I deverá manter a linha que a Igreja vem seguindo desde o Concílio Vaticano II, "um que ocorreria com qualquer um que fosse escolhido".

Para o padre dominicano Henrique Faria, que estudou em Veneza e conheceu dom Albino Luciani há alguns anos, o novo papa deverá seguir uma "linha média" entre João XXIII e Paulo VI. De acordo com o padre Henrique, dom Albino Luciani substituiu primeiro João XXIII como patriarca de Veneza e substituiu agora Paulo VI como papa, daí talvez ter escolhido o nome de João Paulo I. O padre disse também acreditar que o novo papa "não acompanha muito a linha terceiro-mundista da Igreja, já que poucas vezes fez visitas a

Escolha contrariou todas as previsões

LENILDO TABOSA PESSOA

Quando toda a imprensa mundial apresentava como os mais fortes candidatos ao Papado os cardeais Sebastiano Baggio e Sergio Pignedoli e no mesmo dia em que o maior jornal italiano, o "Corriere della Sera", anunciava como os mais prováveis sucessores de Paulo VI os dois purpurados citados e mais os cardeais Bertoli, Felici, Pironio e Villot, o "Jornal da Tarde" noticiava que a poucas horas do início do conclave o quadro eleitoral sofrera uma inesperada mudança e que a Cúria Romana, além de vetar definitivamente o nome de Baggio, apresentaria três candidatos, que eram, pela ordem, os cardeais Albino Luciani, Antonio Poma e Giuseppe Siri.

Ainda ontem o "Jornal da Tarde", embora noticiando um fortalecimento da candidatura do cardeal Siri, ressaltava que a Cúria continuava mantendo as candidaturas de Luciani e Poma. Se os acontecimentos da Capela Sistina surpreenderam o mundo pela rapidez com que chegou ao fim um conclave que parecia destinado a ser longo e difícil, o resultado da eleição confirmou plenamente o "furo" jornalístico do vespertino paulistano. De resto, a própria rapidez do conclave dá ainda maior sentido à eleição do novo Pontífice.

Como informava, em sua edição de ontem, ainda o "Jornal da Tarde", a Cúria Romana se mostrava apreensiva perante o silêncio dos cardeais "progressistas", que, até o último momento, não tinham dado nenhuma indicação quanto a candidato de sua preferência. Logo que os purpurados foram fechados no silêncio do conclave, porém, um jornalista italiano considerado muito bem informado acerca do que se passa nos meios "progressistas", Giancarlo Zizola, revelou qual seria a manobra do grupo: concentrar seus votos, inicialmente, sobre o cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, e, diante da reação que o fato provocaria, apresentar um candidato de "conciliação" que, comparado com o primeiro, parecesse moderado: o argentino Eduardo Pironio.

Segundo opiniões que pudemos obter, ontem à tarde, de fontes ligadas ao Vaticano, a manobra teve o efeito de provocar uma reação oposta e inesperada: a concentração de votos no nome do patriarca de Veneza. Tudo indica que, como estava previsto e o "Jornal da Tarde" noticiara, os cardeais alemães se dispuseram a votar no candidato da Cúria, arrastando consigo os votos de muitos eleitores do Terceiro Mundo, cujas dioceses recebem copiosa ajuda da Alemanha através de organizações como a "Adventist".

Tendo em vista sua condição de candidato da Cúria Romana e as circunstâncias do lançamento de seu nome e de sua fulminea eleição, pode parecer estranha, à primeira vista, a escolha de seu nome pontifício: João Paulo I. A escolha apresenta, antes de mais nada, um aspecto curioso, uma vez que, pela primeira vez na história da Igreja, um Papa tem um nome composto, ou, mais exatamente, um nome duplo. Essa curiosidade existirá no que diz respeito à língua oficial da Igreja, o latim

("Johannes Paulus"), ou em línguas como o português, embora na língua vulgar da Igreja, se assim se pode classificar o italiano, os nomes próprios duplos sejam frequentemente unificados e transformados em nomes simples. Assim, "Giovanni Paolo" pode passar a ser "Gianpaolo" ou "Giovanpaolo".

O nome foi visto, naturalmente, como uma fusão dos nomes dos dois últimos papas, do que surgiu facilmente a conclusão de que, ao escolhê-lo, o cardeal Luciani quis dar a indicação de continuação de seus respectivos pontificados. Em círculos ligados a Cúria Romana faz-se questão de ressaltar, contudo, que a fusão pode ter também outro significado, no sentido de que contém a clara indicação de que João Paulo I não será João XXIV nem Paulo VII. Ou seja, o novo Papa não pode, evidentemente, efetuar uma ruptura total e imediata com os rumos tomados pela Igreja nos últimos anos, mas continuará os pontificados anteriores a seu modo.

Tal interpretação não se baseia apenas em pias especulações. Quando era bispo de Vittorio Veneto, o novo Papa publicou um "vade mecum" para seu clero e seus fiéis que, por seu conteúdo, logo foi apelidado de "Pequeno Sílabo" (em alusão ao famoso documento de Pio IX). Se o "progressismo" pode encontrar uma, pequena consolidação de seu pai ter sido um socialista, trata-se de uma consolidação fugaz: ele percebeu ao chamado socialismo humanitário italiano de Massarenti e Frampolini, no qual havia grande preocupação com os pobres, mas total exclusão de qualquer conteúdo marxista.

De resto, o novo Papa conservou, ao longo de sua carreira eclesiástica, essa nota de grande dedicação aos menos favorecidos, acompanhada de uma irrepressível firmeza de princípios, que o levou sempre a rejeitar qualquer concessão ao marxismo. Ainda recentemente, um seu artigo publicado na revista "Prospettive nel Mondo", tomava a aberta defesa dos dissidentes soviéticos.

Ontem, D. Helder Câmara declarou não conhecer pessoalmente o novo Pontífice. Conhecendo-se a perfeita coordenação existente entre os membros da ala "progressista" da Igreja e levado-se em conta a posição dos dois personagens, a revelação adquire um sentido positivo.

Por outro lado, talvez convenha ressaltar, em uma época de florescimento da heresia modernista, que saiu justamente do Patriarcado de Veneza o Papa que, com a encíclica "Pascendi", deu o golpe no modernismo de sua época. Assim, o cardeal Luciani, sucessor de Pio X na cidade dos canais, torna-se seu sucessor no trono de Pedro. Significativamente, ontem mesmo, em alguns círculos do Vaticano, já se falava no Concílio Vaticano III. Mas não o Vaticano III desejado pelos modernistas, para completar um Vaticano II em sua opinião já superado, e sim um concílio — dogmático e não pastoral — destinado a desfazer a confusão semeada pelo concílio anterior.

Por fim, uma nota curiosa: para se dirigir ao conclave, o cardeal Luciani viajou, terça-feira última, de Veneza a Roma, em seu automóvel particular, uma "Lancia Fulvia 2000".

de um telefonema da França, às 15 e 15, dom Helder, no entanto, disse entender que o novo papa continuará a linha de atuação da Igreja, "pois ninguém pode parar o Vaticano II".

O bispo de Goiás Velho, dom Thomas Balduino, considerado um dos principais representantes da igreja progressista no País, disse que "qualquer papa que não aceite a nova caminhada da Igreja, fixada pelo Concílio Vaticano II, cairá em desprestígio, pois dificilmente a história retrocede".

Em Brasília, o chanceler Antonio Azeredo da Silveira declarou que a eleição do novo papa é recebida no Brasil, um grande país católico, com júbilo e respeito.



Os sandinistas e agora a greve: sérias ameaças para o presidente Somoza

Isabelita transferida para casa de campo de Perón

Buenos Aires — A ex-presidente Maria Estela Martínez de Perón, Isabelita, foi transferida ontem da Base Naval de Azul, onde se encontrava presa desde março de 1976, para a quinta de San Vicente, localizada a 25 quilômetros ao Sul de Buenos Aires, na qual permanecerá sob prisão domiciliar.

Durante toda a semana correram rumores sobre a transferência da ex-presidente, deposta há mais de dois anos. A movimentação na quinta comprada por Domingo Perón, em 1933, quando ainda era capitão, para onde começaram a chegar no início da semana móveis e empregados caseiros, deu base material aos rumores. As 12 e 30 de ontem, um helicóptero pousou no terreno que circunda a casa de campo herdada por Isabelita, completando a operação de transferência da ex-presidente.

A situação jurídica de Isabelita aparentemente continuará a mesma, na medida em que foram recusados recentes pedidos de habeas corpus formulados por seus advogados. Isabelita, que assumiu o governo depois da morte de Perón, no dia 1º de julho de 1974, está sendo pro-

cessada sob acusação de "corrupção, abuso de poder e malversação de fundos".

PC ARGENTINO LANÇA PROPOSTA

O Partido Comunista argentino propôs ontem uma "convergência de civis e militares no poder", como condição para que "se encerre o ciclo de golpes e contragolpes que vêm ocorrendo desde 1930". Numa declaração assinada pelos principais dirigentes do PC — entre eles, Rubem Iscaro, Rodolfo Ghioi e Fernando Nadra — e enviada pelo correio para os principais jornais de Buenos Aires, os comunistas argentinos afirmam que "não há solução possível para a crise em que vive o país nem somente com o pólo militar nem somente com o civil".

PERU: GOVERNO PROPÕE ACORDO

O governo militar peruano propôs ontem um acordo aos mineiros em greve há 22 dias, durante uma reunião no palácio do governo onde estiveram presentes o presidente Francisco Morales Bermudez, o ministro das Minas e Energia, general Juan

Sanchez Gonzalez, o do Trabalho, general Jose Garcia Calderon e, pelo lado dos trabalhadores, o secretário-geral da Federação Nacional de Trabalhadores Mineiros, Victor Cuadros Paredes, outro dirigente sindical, Ricardo Diaz Chaves (ambos representantes na Assembleia Constituinte) e outros líderes mineiros.

Nos seis pontos propostos pelo governo para alcançar um acordo e terminar com a greve que chegou a mobilizar 40 mil mineiros encontra-se a promessa de supressão de dois decretos que proibem greves e prejudicam a estabilidade dos trabalhadores. Esta semana, o governo decretou estado de emergência nas regiões mineiras e interviu militarmente nas minas. As medidas provocaram intensos protestos não só da parte dos representantes constituintes de esquerda como também dos próprios trabalhadores, que realizaram passeatas no centro de Lima. A principal reivindicação dos grevistas é a de readmissão de cerca de 400 funcionários que foram despedidos desde a greve geral de julho do ano passado.

Cresce a pressão contra Somoza

MANÁGUA — A Frente Ampla de Oposição ao regime de Anastasio Somoza divulgou comunicado ontem afirmando que a partir de amanhã a greve iniciada sexta-feira será "total em toda a Nicarágua e só terminará com a renúncia do ditador".

A greve foi convocada imediatamente após o governo de Somoza ceder às exigências do comando "Rigoberto Lopez" da Frente Sandinista de Libertação Nacional, que ocupou por dois dias o Palácio Nacional de Manágua e se dirigiu vitorioso, na quinta-feira à noite para o Panamá, levando 59 prisioneiros políticos libertados pelo regime e os reféns. Os 25 guerrilheiros sandinistas disseram inicialmente que ficariam no Panamá, prometendo "breve retorno à Nicarágua". Ontem, o chanceler venezuelano, Simon Alberto Consalvi, anunciou em Lima, onde se encontra em visita, que o governo do seu país concedeu asilo político aos guerrilheiros sandinistas "por uma questão de humanidade". Não se sabia até ontem se os sandinistas, liderados pelo comandante "Zero", codinome de Eden Pastora, estão dispostos a aceitar o asilo oferecido pela Venezuela. O Panamá também concedeu asilo aos sandinistas.

A situação política na Nicarágua permanece sob extrema tensão. Na cidade de Jinotepéc, a 45 quilômetros ao Sul de Manágua, incidentes já haviam provocado dois mortos e dezenas de feridos, quando estudantes que convocavam comerciantes para aderir à greve foram atacados por soldados da Guarda Nacional. Na capital, o jornal La Prensa informou que sua sede foi atacada a tiros na sexta-feira à noite. O ex-diretor do La Prensa, Pedro Joaquín Chamorro, foi assassinado no dia 10 de janeiro, provocando uma onda de greves e protestos contra o regime de Somoza.

Os comerciantes, que estiveram entre os setores mais ativos nos movimentos do início do ano, ainda não se definiram quanto à greve geral convocada

pela Frente Ampla de Oposição. Ontem, durante a realização de uma assembleia da Federação das Câmaras do Comércio da Nicarágua os comerciantes definiram uma posição.

cionista lembrou que, nas greves anteriores, as adesões também foram se dando ao longo dos primeiros dias do movimento.

COMANDANTE "ZERO"

Falando à imprensa ontem na Cidade do Panamá, o comandante "Zero" declarou que "em breve ocorrerá uma sangrenta luta contra a ditadura de Somoza". Segundo o líder do comando "Rigoberto Lopez", "há

um estado de terror na Nicarágua e o futuro do país é negro. Nós estamos nos preparando para enfrentá-lo, bem como o povo nicaraguense". Para Eden Pastora, que usa o codinome de "Zero", "é possível que o ditador desencadeie uma violenta repressão agora, depois da derrota que sofreu." Segundo ele, a repressão, sustentada pela Guarda Nacional, sobrevive pelo apoio militar que os Estados Unidos dão ao regime de Somoza".

O jornal La Tribuna, de Tegucigalpa, também publicou declarações de Pastora nas quais ele admite ter cometido um erro no final da operação de ocupação do Palácio Nacional. "Cometemos um erro brutal — disse Pastora —, pois não pedimos também a libertação de 15 presos políticos que estão sendo julgados atualmente pelos tribunais nicaraguenses".

Endrigo, Vinicius e Toquinho.



Sérgio Endrigo, Vinicius de Moraes e Toquinho, vão estar juntos neste domingo, dia 27, às 9 da noite, num super-especial.

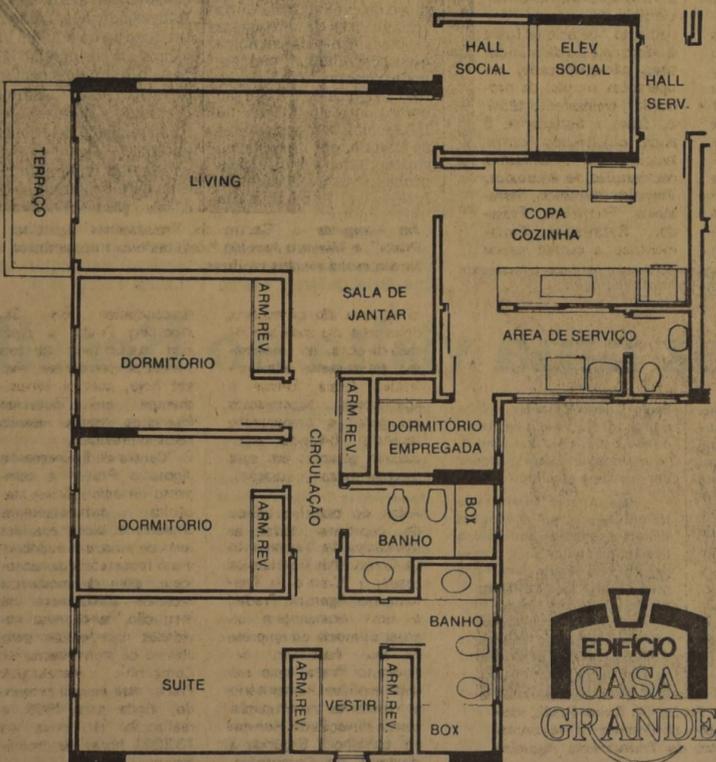


REDE BANDEIRANTES CANAL 13



JULIO BOGORICIN IMÓVEIS

Entre com seu imóvel (usado ou terreno) no melhor 3 dormitórios de Santo Amaro



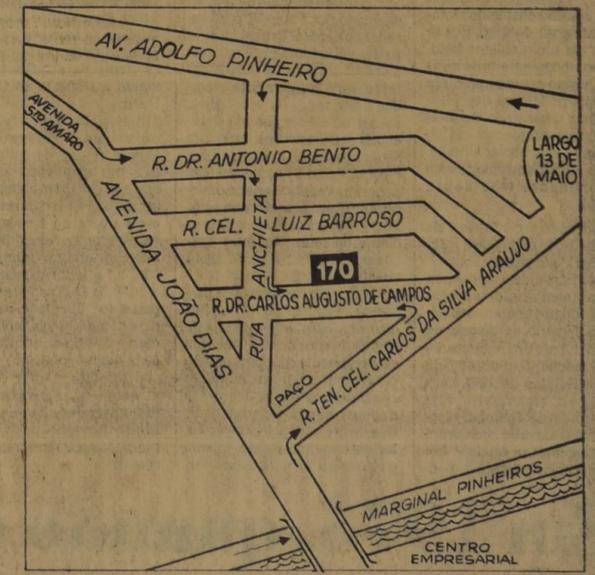
- ◆ 3 dormitórios (1 suite com quarto de vestir).
- ◆ Sala living em "L" com 2 ambientes e varanda.
- ◆ Garagem privativa (1 ou 2).
- ◆ Requite em todos os detalhes: carpetes, armários embutidos modulados Vogue, azulejos decorados até o teto, metais nobres, pia de mármore, gabinete de fórmica e duto de exaustão pronto na cozinha, FM em todas as dependências;
- ◆ Amplos salões de festas, jogos e recreação; piscina com privacidade absoluta em relação à vizinhança.
- ◆ Enfim, por fora e por dentro, o Edifício Casa Grande, foi criado para ser uma grande casa para você e sua família.



◆ Venha conhecer sensacional apto. de cobertura Deck de madeira na piscina, vestiário, solarium e privacidade absoluta.

Ou pague a poupança em 60 meses. Saldo financiado em até 20 anos, com a menor prestação (Cr\$ 12.830) e a menor renda familiar (Cr\$ 32.000)

O nosso sistema é inédito: venha conhecê-lo.



Rua Dr. Carlos Augusto de Campos, 170 (antiga Rua Sto. Antonio)

Visite apto. decorado. Corretores no local - Fone: 548-9805

Schahin Cury
Schahin Cury Engenharia e Comercio Ltda.

Habitécnica
S.A. Empreendimentos, Imobiliários, Administração e Planejamento

Habitécnica, o nome diz o que fazemos.
Av. São Luís, 112 - 2º andar - Telefones: 256-2086 e 257-4980 - SECOVI 505